

Francini aponta as prioridades para 82



ECONOMIA 82

Para 1982, o empresário Paulo Francini, diretor do Departamento de Estatística (Decad) da Fiesp, espera do governo um direcionamento da economia para as atividades que

geram mais emprego. Numa visão a curto prazo, sua reivindicação é que o governo atente para os amplos exageros da explosão de taxa de juros e, numa análise mais ampla, acha necessária uma clara definição sobre para onde deve ser encaminhado o capital.

A preocupação maior do setor industrial, segundo Francini, é com as taxas de juros, já que a médio prazo há o reconhecimento de que não é possível conviver com as praticadas atualmente. "E o sistema financeiro já demonstrou que as taxas de juros são as máximas praticadas, o que é uma opção de curto prazo, porque é ilusório pensar que o sistema produtivo está aguentando. Ele resiste, mas podem estar sendo plantadas as condições de sua condenação", prosseguiu.

Nesse sentido, lembrou que um lucro a mais dado ao capital especulativo é uma retribuição a menos ao capital de risco e a todo o processo gerado por ele, como trabalho, produtividade etc. Além disso, segundo Paulo Francini, apesar da dificuldade de se estabelecer uma política de emprego no País, o governo deveria colocar isso como uma meta a ser atingida.

Além disso, Francini lembra que houve uma profunda variação no próprio padrão alimentar, com deslocamento de produtos frigorificados para os não frigorificados e portanto a necessidade de expansão foi contida. O setor de supermercado, por exemplo, expandiu-se para unidades populares com venda de produtos mais baratos e, conseqüentemente, sem necessidade de instalações de refrigeração.

Assim, a previsão nessa área não pode ser de grande otimismo, já que o processo de mudança de padrão alimentar leva tempo para reverter, mesmo porque está ligado ao estrangulamento do orçamento familiar, que tem relação com nível de ganho. A manutenção do patamar deste ano, portanto, é a previsão realista de Francini para 82.

No setor de tratamento de ar condicionado (central) a queda não foi tão pronunciada, principalmente porque a

inércia desse segmento não permite grandes variações de ano a ano. Ligado a obras civis, o setor foi favorecido pelo crescimento dos bancos e serviços ("shopping center"). Com uma queda de 15% este ano, em comparação com 1980, a perspectiva para 82 é também de repetição do desempenho deste ano, com ligeiro crescimento devido à conclusão de obras estatais e paraestatais, que sofreram certo esvaziamento em 81.

"O problema social é fundamental para o Brasil. Outros problemas, como inflação e balanço de pagamentos, deveriam ser levados em conta, mas o governo deveria traçar um objetivo: quanto gerar de emprego por ano. Existem parâmetros de que uma determinada expansão da atividade industrial corresponde à expansão de emprego e isso pode ser conquistado", salientou Francini ao lembrar que em 1981 houve, além de séria redução do efetivo empregado, uma perda em termos do que se deixou de ofertar, ou seja, os que chegaram ao mercado de trabalho. Assim, a meta de 82 deveria ser, em sua opinião, não prosseguir a queda, e, depois, reconquistar o que se perdeu em 81 e recuperar o emprego não gerado.

SETORES

Como presidente do Sindicato da Indústria de Refrigeração, Aquecimento e Tratamento de Ar no Estado de São Paulo, Francini traça um quadro negativo do desempenho desses setores em 1981 e não vê grandes perspectivas de recuperação no próximo ano. A área de refrigeração não doméstica, de acordo com recente avaliação, deve fechar o ano com queda entre 30 e 35% em relação a 1980, contra uma taxa de 7 a 10% de crescimento histórico. A venda desse segmento está diretamente relacionada com o aumento da capacidade instalada, o que não ocorreu este ano quando a economia parou de crescer.

Ligado às atividades industriais e grandes obras de siderurgia e mineração, o setor de equipamento de controle de poluição apresenta um panorama sombrio, segundo Francini. Do lado das indústrias, há uma resistência em investir nesses equipamentos, principalmente com os problemas enfrentados este ano, que fizeram cair todo o tipo de investimento. E do lado das grandes obras também não há perspectiva de crescimento, já que estão abatidas, em face da redução do estímulo à sua continuidade. Assim, a queda registrada este ano, de 20 a 25%, deve ser agravada em 82.